

Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência

Psychosocial intervention with workshops for group dynamics analysis in an institution: reporting a case study

George Moraes de Luiz*
Rayany Mayara Dal Prá**
Renata Closs Azevedo***

Resumo

Este relato de experiência é produto de uma atividade prática, realizada por duas estudantes do curso de Psicologia e um psicólogo, e visou a promover uma oficina de dinâmica de grupo com pais, amigos e colaboradores de uma Instituição que atende pessoas portadoras de necessidades especiais (PNEs) de Mato Grosso. O objetivo da oficina foi sensibilizar refletir e discutir o processo de exclusão social vivenciada por muitos PNEs. Para isso, adotou-se como ferramenta a proposta das oficinas de dinâmicas de grupo em uma perspectiva psicossocial de Afonso, levando em consideração as contribuições de Lewin sobre pesquisa-ação. Busca-se apresentar e discutir as oficinas de dinâmica de grupo como recurso metodológico para o desenvolvimento de atividades que visem a trabalhar temas relacionados à educação especial. O primeiro momento, que antecede as atividades, Afonso denomina de demanda, pré-análise, foco e enquadre, e planejamento flexível. Já o segundo momento, a atividade em si, é caracterizado pelo aquecimento, a reflexão e a elaboração

* Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/Rondonópolis; Doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP, bolsista do CNPq. E-mail: george_psico@yahoo.com.br. Relato de Experiência elaborado a partir de uma atividade prática realizada em uma Instituição que atende Portadores de Necessidades Especiais.

** Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/Rondonópolis. E-mail: ray_may_@hotmail.com

*** Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/Rondonópolis. E-mail: renatacazevedo@hotmail.com

do tema, a sistematização e avaliação do trabalho. Essa forma de estruturar as oficinas de dinâmica de grupos permitiu ampliar os elementos de análise, incluindo a pré-análise do trabalho realizado.

Palavras-chave: relato de experiência; oficinas de dinâmica de grupo; portador de necessidades especiais.

Abstract

This report is the result of activities carried out by two Psychology students and a psychologist. We held a workshop for group dynamics analysis with parents, friends and employees of an institution that serves people with special needs (PSNs) in Mato Grosso. The purpose of the workshop was to reflect, discuss and raise awareness about the process of social exclusion experienced by many PSNs. To achieve our goal, we centered on Afonso's group dynamics proposal from a psychosocial perspective, taking also into account the contributions of Lewin on action research. We seek to present and discuss workshops for group dynamics analysis as a methodological resource for the development of activities to work with topics related to special education. The first points of analysis actually come before the activities and are namely: demand, pre-analysis, focus and frame, and flexible planning. The second stage, the activity itself, is characterized by: warm-up, reflection and development of the theme, systematization and evaluation of work production. This way of structuring the workshops for group dynamics analysis made it possible to extend the analysis elements, including the pre-analysis of the work performed.

Keywords: report case study; workshops for group dynamics analysis; people with special needs.

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é produto de uma atividade prática, realizada por duas estudantes do curso de Psicologia e um psicólogo¹, visou promover uma oficina de dinâmica em grupo com pais, amigos e colaboradores de uma Instituição que atende pessoas portadoras de necessidades especiais (PNE) em Mato Grosso. Essa atividade foi proposta como parte

1 O psicólogo citado ao longo do relato de experiência atuou como apoiador das estudantes e coube a ele o papel de fazer uma reflexão final durante o fechamento da oficina. Destaca-se que ele não atuou como coordenador da oficina.

das comemorações da Semana do Excepcional, realizada anualmente pela Instituição e contou com a parceria do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Rondonópolis.

A semana do excepcional teve início em 1964, por meio do Decreto Federal nº 34.188 de 24/06/1964, do Presidente Humberto Alencar Castello. O intuito das atividades é sensibilizar / conscientizar a sociedade e os órgãos públicos sobre os direitos fundamentais e cidadania das pessoas com deficiência. Porém, diga-se de passagem, que a nomeação “semana do excepcional” já produz efeitos de estigmatização de PNE. No ano de 2011, o tema do encontro foi “A pessoa com deficiência quebra a cultura da indiferença. Tenha coragem de ser diferente”. A partir dessa temática, buscou-se realizar uma oficina de dinâmica em grupo que tivesse como objetivo sensibilizar, refletir e discutir junto aos pais, amigos e colaboradores da Instituição, o processo de exclusão social vivenciada por muitos PNE.

A reação de uma família diante da notícia do seu filho ser portador de necessidades especiais varia muito. Regen (2011) argumenta que, durante a gestação, os pais idealizam e criam inúmeras fantasias a respeito da criança. Quando essa idealização e fantasias são rompidas, sentimentos como culpa, negação, inferioridade, vergonha, raiva e confusão podem aparecer (Childs, 1985). Sendo assim, a aceitação ou não da criança passa por questões como: os modelos parentais da família, a circunstância da gestação (planejada, desejada), a expectativa dos pais em relação ao aspecto físico. O despreparo emocional dos pais para lidarem com crianças deficientes podem levá-los a rejeitar os filhos, mesmo antes deles nascerem. Regen (2011) ainda destaca que uma pesquisa realizada na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) de São Paulo, em 1985, sugere que a notícia da deficiência deve ser dada aos pais na presença da criança, antes da alta hospitalar. Esse procedimento é importante para auxiliá-los no processo de compreensão, adaptação e aceitação. Porém, é comum identificar pais com filhos já adolescentes e/ou adultos, com sentimentos que predominavam quando seus filhos eram criança.

Neste trabalho, nos alinhamos a uma postura epistemológica construcionista (Davies & Harré, 1990; Gergen, 1985, 1997; Spink, 1999). Isso implica em um reposicionamento de nossas práticas e da análise grupal,

uma vez que o *self* não está situado em processos mentais, mas construído na interaminação dialógica, intra e intergrupos. Como nos lembram Rasera e Japur (2001), deve-se focar no processo de negociação entre os interlocutores, procurando entender como são construídos os significados e sentidos sobre as coisas da vida.

Para atingir os objetivos deste trabalho, optou-se por adotar uma proposta grupal. Existem vários tipos de grupos, mas a opção por uma delas depende dos objetivos que se quer atingir, do número de participantes e da experiência do facilitador. Há grupos terapêuticos, reflexivos, terapia comunitária, rodas de conversas, dentre muitas outras. Geralmente, o trabalho com grupos implica em uma série de encontros previamente definidos. Se for realizado apenas um encontro, nomeamos de oficina (Brasil, 2011).

Utiliza-se o termo *oficina* nas mais variadas situações. Neste trabalho adotaremos a noção de Afonso:

Oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (Afonso, 2010, p.09.)

A oficina de dinâmica em grupo na perspectiva psicossocial é um recurso metodológico valioso e instrumento facilitador de transformação sociocultural. No Brasil, o campo da dinâmica de grupos foi fortemente influenciado pelas produções norte-americana, inglesas e francesas (Pérez,1997). Esse movimento trouxe alguns problemas para o desenvolvimento da área no Brasil, como por exemplo, o escasso aporte teórico-metodológico contextualizado com a realidade brasileira. Soma-se a esse fato, o pouco interesse da Psicologia Social, durante muitos anos, pelas práticas grupais (Moreira Jr. & Japur 2003). Lane (1994) descreve que um novo cenário começou a ser desenhado a partir da articulação entre os estudos sobre análise institucional e aportes teóricos diversos, o qual procurou superar a dicotomia indivíduo-grupo, abrindo caminho para novas reflexões, interações e multiplicidades.

Um desses aportes teóricos diz respeito às contribuições das teorias de grupo de Lewin (1988) sobre pesquisa-ação como forma de mudança cultural, definindo o grupo como matriz e campo de forças, resultantes da tensão vivenciadas pelas pessoas no âmbito social. Esse campo de forças é estruturado e formado por normas, comunicação, cooperação, competição, divisão de tarefas, liderança. Lewin defende que as mudanças culturais só são possíveis se pensadas dentro do campo social das pessoas, seja na dinâmica do grupo, seja na forma como as pessoas constroem os sentidos acerca daquilo que é circulado dentro do grupo. No caso deste relato de experiência, existe um grupo de pais, amigos e colaboradores de uma Instituição, vinculados em torno de um tema central e de interesse de ambos: a exclusão social de PNE.

As discussões sobre temas delicados como a exclusão de PNE, muitas vezes, são delegadas aos psicólogos, embora outros profissionais capacitados e familiarizados com o tema também possam realizá-las. Geralmente o convite é feito pelas Instituições com direcionamento das atividades esperadas por elas, quase sempre voltadas para palestras e/ou oficinas de dinâmicas de grupo. Dependendo do objetivo, do público-alvo, do número de participantes, da estrutura física para a realização da atividade, da disponibilidade de materiais permanentes, isso pode ser negociado. No nosso caso, a proposta de realização das oficinas durante a “semana do excepcional” e a parceria com o curso de Psicologia partiu da Instituição e de um psicólogo da cidade, convidado, *a priori*, para desenvolver a atividade.

2. METODOLOGIA

Em relação à preparação das oficinas, Afonso (2010) destaca a importância de levar em consideração quatro momentos: demanda, pré-análise, foco e enquadre e planejamento flexível.

A *demanda* diz respeito à análise das necessidades que levaram o pesquisador a desenvolver a oficina, mais precisamente, se ela foi solicitada por alguma Instituição, ou se ela é uma proposta dos pesquisadores a ser apresentada para escolas, creches, APAE. Cabe, neste momento, refletir sobre os reais interesses e motivações explícitas e implícitas na oferta da

dinâmica. Se for um pedido da Instituição, como no presente caso, procurar entender, discutir e problematizar o que está por trás desse pedido. No tocante a essa problemática, é possível afirmar ter sido a recomendação da Associação Nacional das Instituições que atendem os PNE, pautadas na experiência vivenciada pelos colaboradores, os quais perceberam as dificuldades encontradas por muitos pais no processo de socialização dos filhos deficientes.

Na *pré-análise*, o pesquisador deve entrar em contato com a Instituição e obter o maior número de informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho, sobretudo da problemática a ser discutida, refletir e estudar o assunto. Afonso destaca que esse momento não pode ser pensado como um processo rígido, mas serve para preparar o pesquisador para ter maior domínio na execução da proposta. Podem, ainda, serem identificados temas geradores para facilitar a discussão. Para o bom desenvolvimento das oficinas esse momento foi fundamental, pois pode-se identificar que deveria ser realizada uma oficina sobre a exclusão de PNE. Isso orientou os coordenadores a focarem os estudos a fim de prepararem a oficina. Buscou-se fazer um levantamento da bibliografia a respeito do assunto, incluindo a dimensão política da discussão. Foram realizados alguns encontros com o professor supervisor na universidade para discutir os textos, as leis e construir a melhor proposta a ser seguida.

O *foco* e o *enquadre* dizem respeito a dois elementos importantes no processo de formulação das atividades. O *foco* trata da importância de se trabalhar com temas geradores a partir do tema central da oficina. Se o tema central diz respeito à exclusão de PNE, deve procurar construir temas geradores relacionados a esse assunto, tendo sempre o cuidado de adequar a linguagem ao público-alvo. Aconselha evitar termos técnicos quando a atividade é voltada para o público leigo. Por isso é importante que os temas sejam gerados a partir da interação com os participantes.

O próximo passo é pensar no *enquadre* da proposta, ou seja, “no número e tipo de participantes, o contexto educacional, o local, os recursos disponíveis e o número de encontros” (Afonso, 2010, p. 34). Participaram das oficinas, pais, amigos e colaboradores da referida Instituição que foram convidados e aceitaram se inserir nessa atividade, dentre outras que foram

oferecidas nas comemorações da semana do excepcional. Todas essas pessoas possuem filhos e/ou lidam diretamente com PNE, daí o interesse do grupo em participar desta atividade. Além disso, todos vivenciam e/ou vivenciaram as dificuldades enfrentadas pelos PNE em função da busca de inclusão e aceitação social, muitas vezes, dentro da própria família. A atividade foi realizada na própria Instituição que atende os PNE, em comum acordo com os participantes, uma vez que toda a programação do evento foi realizada nesse mesmo estabelecimento. Foi ainda de comum acordo que a duração da oficina seria de duas horas. Assim, essa atividade foi realizada dentro de uma semana de comemorações, feito um único encontro com os participantes.

A questão do *planejamento flexível* implica em optar por dois caminhos possíveis: um deles seria planejar o encontro como um todo, detalhar cada passo até o fim; outra opção seria sentir o grupo e planejar passo a passo. Esses caminhos podem ser negociados com a Instituição, tendo em vista que algumas delas solicitam o planejamento previamente para autorizar a realização das atividades. Neste caso, como foi apenas um encontro, a atividade foi planejada integralmente e não precisou ser apresentada para a Instituição. O planejamento de uma oficina deve ser flexível, mas os coordenadores precisam estar preparados para acompanhar o processo grupal. Isso, muitas vezes, pode significar mudanças em seu planejamento inicial. Outro momento importante no planejamento diz respeito ao contrato com o grupo. Os coordenadores devem destacar a importância do sigilo, pois os assuntos discutidos no grupo não podem ser comentados fora daquele espaço sem a autorização dos demais membros.

Cabe ainda deixar claro para os participantes que uma oficina de dinâmica de grupo com viés psicossocial não é um grupo terapêutico. No decorrer das atividades, os participantes poderão vivenciar e, por vezes, podem aflorar inúmeros sentimentos, os quais serão acolhidos pelo grupo, mas não trabalhos. Afonso destaca o viés pedagógico da oficina, uma vez que propicia aprendizados relacionados ao tema discutido durante a troca de informações entre os participantes e os coordenadores. Esses têm papel fundamental no desenvolvimento da oficina.

Na metodologia adotada deste trabalho, a pesquisa-ação, o coordenador ocupa o lugar de facilitador e jamais de alguém que detém a verdade. Ele deve ajudar os participantes na elaboração das tarefas, propondo, incentivando e sugerindo, mas nunca impondo sua opinião. Dessa forma, ele ajuda na sistematização dos assuntos emergentes, propiciando a reflexão do grupo e dando devolutivas quando essas forem necessárias (Afonso, 2010).

O coordenador utiliza, muitas vezes, no trabalho com oficinas, as técnicas de dinâmica de grupo como dispositivos facilitadores de interação e reflexão do grupo. Cruz e Abade (s.d) destacam a técnica como uma forma de linguagem do grupo alcançada por meio de estratégias, jogos, músicas e atividades lúdicas. Elas são fundamentais para o momento inicial de descontração, facilitando a confiança e construção de vínculos entre os participantes, o que estimula o diálogo e a participação das pessoas no grupo.

Porém, as autoras alertam para se ter cuidado com o mau uso desse recurso. Opta-se por dinâmicas que tenham relação com as vivências dos participantes e descartam-se aquelas que possam causar constrangimento, deixando o grupo tímido e quieto. Dessa maneira, este trabalho optou-se por adotar dinâmicas de grupos por entender que, especificamente aqui, havia vários pais que não se conheciam. Mas, também, porque algumas dinâmicas poderiam propiciá-los a experiência de se colocar no lugar de seus filhos, amigos e alunos, mesmo que de forma lúdica, vivenciando o processo de exclusão social.

Além disso, é importante refletir sobre os cuidados éticos da pesquisa em Psicologia Social. Assim, nos apoiamos nos escritos de Spink (2000) sobre a ética dialógica. Em uma perspectiva construcionista, a pesquisa é entendida como prática social e pauta-se pela reflexividade dos pressupostos da ciência. No viés aqui defendido, o conhecimento é construído na relação dialógica entre todos os envolvidos na pesquisa e/ou na atividade prática como um relato de experiência, sustentados pelo respeito à dignidade humana. Por isso, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foram tomados os cuidados de manter as informações em sigilo e de resguardar a identidade de todos os envolvidos na oficina de dinâmica de grupo. Os pesquisadores foram sensíveis no exercício da tarefa de decidir quais

informações seriam relatadas e discutidas. Cabe ressaltar que a oficina não foi gravada e as informações discutidas a seguir são produtos das anotações em diário de campo das estudantes de Psicologia.

3. OS RESULTADOS: A OFICINA COM PAIS, AMIGOS E COLABORADORES DE UMA INSTITUIÇÃO QUE ATENDE PNE

Afonso (2010) sugere estruturar o desenvolvimento da oficina de dinâmica de grupo nos seguintes momentos, a saber: o aquecimento, a reflexão e a elaboração do tema, a sistematização e avaliação do trabalho. Para fins de deixar o texto mais fluído, optamos por não criar categorias desses momentos, porém, eles serão perceptíveis durante a leitura do relato de experiência. Vale salientar que o próprio processo de condução das atividades já produz resultados, uma vez que propomos neste relato de experiência a discussão das oficinas enquanto ferramenta metodológica, por isso assumir radicalmente a divisão entre metodologia e resultados fragilizaria o texto. Nesse ínterim, procuramos articular a condução das atividades com os resultados.

No primeiro momento, as coordenadoras apresentaram ao grupo de pais, amigos e colaboradores da Instituição, acompanhadas de um psicólogo, a proposta da oficina, bem como as atividades a serem desenvolvidas naquela tarde. Em seguida, foram abordadas questões contratuais como o direito à livre participação e expressão no grupo e o sigilo das informações.

Posteriormente, as coordenadoras propuseram ao grupo uma atividade de descontração com vistas a quebrar o gelo, intitulada “cumprimentos”, na qual os participantes deveriam circular livremente pelo saguão ao som de uma música. Em cada pausa da música, os participantes deveriam se cumprimentar pela forma indicada pelas coordenadoras: com os cotovelos, os pés, os quadris e, por último, com a cabeça. O objetivo dessa atividade foi aquecer os participantes, promover uma integração entre eles de modo que a discussão que se propõe a seguir possa ser realizada de um modo integrado.

O segundo momento foi dedicado ao desenvolvimento da atividade principal que serviu como disparadora das questões que permeiam

a exclusão social dos PNE. Para tanto, utilizou-se a dinâmica “Exclusão” (Vitiello, 1997) com o objetivo de permitir aos participantes experienciarem os sentidos de serem excluídos de um grupo social e de poderem comparar essa experiência entre si.

O grupo foi constituído por aproximadamente cinquenta participantes, composto por pais, amigos e colaboradores da Instituição que foram subdivididos em dez grupos de cinco integrantes dispostos em cadeiras no saguão da Instituição. O critério para o agrupamento ficou por conta dos próprios participantes. Percebeu-se que os grupos se formaram por afinidades. Cada participante teve um minuto para se apresentar aos demais membros do seu grupo.

Em seguida, cada subgrupo foi orientado a excluir um de seus membros. Os subgrupos tiveram dez minutos para cumprir essa tarefa. Assim que escolheram um membro para ser excluído, estes foram encaminhados para um lugar prefixado do saguão, o mais distante possível, mas dentro do campo de visão dos subgrupos originais. O novo subgrupo dos “excluídos” permaneceu durante toda a atividade em pé e não podiam falar com os integrantes de seus grupos de origem que permaneceram sentados.

As coordenadoras orientaram que cada grupo ficasse por dez minutos conversando livremente. Após o término desse momento, cada subgrupo original foi orientado a escolher um porta-voz que deveria explicar quais foram os critérios usados para a exclusão de um dos seus membros. Entre as respostas destacaram-se aquelas relacionadas aos seguintes temas: beleza, gênero, origem, profissão, idade. E assim todos foram justificando a escolha do grupo. Entre os excluídos, houve, também, aqueles que decidiram se autoexcluir.

Em seguida, as coordenadoras convidaram o subgrupo dos “excluídos” a falarem se concordavam ou não com os critérios pelos quais foram excluídos, se acharam que essa exclusão foi justa, e como se sentiram em relação ao subgrupo que os excluiu. As manifestações foram de indignações por serem excluídos devido à profissão de professor; a pertencer ao gênero masculino, entendido no grupo como sexo frágil; ao nascimento ter se dado

na cidade onde foi desenvolvido o trabalho, em contraposição aos demais integrantes de um dos grupos que tinham origens em outras localidades; por ser considerada “feia” em relação aos demais membros do grupo.

No terceiro momento, as coordenadoras convidaram o subgrupo de “excluídos” a se reintegrarem aos seus grupos de origem. A partir desse momento, todos os subgrupos foram orientados a formarem apenas um grupo disposto em uma grande roda para discussão da experiência. As coordenadoras abordaram brevemente alguns informativos políticos para fomentar as reflexões sobre a problemática. Esses informes refletiam a trajetória de acordos internacionais que culminaram nas políticas públicas para a proteção e inclusão dos PNE no mercado de trabalho, acesso à educação formal, transporte, vagas especiais nos estacionamentos e calçadas adaptadas.

Além disso, as coordenadoras propuseram algumas questões para discussão: Como foi participar da atividade? Quais sentimentos esta situação suscitou? Quais relações podem ser estabelecidas entre a experiência vivida por vocês e a exclusão dos PNE? Como foi a experiência de tentar se reintegrar ao subgrupo de origem? Por que os grupos em sua maioria decidiram excluir aquele que era diferente? Quais ações podem ser tomadas no cotidiano para incluir os PNE?

Os participantes relataram que a atividade foi interessante, pois foi possível vivenciar uma situação de exclusão e se sentirem mais próximos da realidade dos PNE. Os sentimentos e as atitudes suscitadas foram de confusão, constrangimento, insulto e empatia para com os PNE. Os comentários foram surgindo por parte de um dos grupos que disseram se sentir os diferentes, já que estavam em menor número e puderam perceber como é ser excluído e como é difícil voltar e se reintegrar ao grupo. O mais interessante foi perceber que os “excluídos”, em sua maioria, eram aqueles que dentro do grupo foram considerados diferentes dos outros, por questões de gênero, beleza, aspectos físicos, profissão, idade e origem. Vale ressaltar que o mesmo critério que a sociedade usa para excluir, geralmente aquele que foge ao modelo aceito socialmente, também foi utilizado pelos pais, amigos e cuidadores dos PNE. Esse critério também foi adotado nas situações de autoexclusão.

Prosseguindo, o psicólogo apoiador da atividade enfatizou que pensar na possibilidade de todos serem iguais é não aceitar as diferenças. É como esperar em uma orquestra que todos toquem o mesmo instrumento, sendo que a beleza da melodia está na união de diferentes acordes, em diferentes instrumentos. A pessoa com deficiência realmente quebra a cultura da indiferença a partir do momento que decide ocupar um espaço que também é seu. Um espaço que precisa se adaptar às suas necessidades, respeitando as suas limitações e valorizando suas potencialidades. Igualmente, é na interação com o outro que produzimos conhecimento, aprendemos a nos relacionar com aquele que é diferente de nós.

A avaliação do trabalho foi positiva, pois notamos que os participantes se envolveram nas atividades propostas pelas coordenadoras, indagando questões que os incomodavam e já relatadas anteriormente. O trabalho alcançou o seu objetivo, uma vez que possibilitou a vivência e reflexão das questões que permeiam a exclusão dos PNE. Além disso, por meio das oficinas, conseguimos sensibilizar os participantes sobre os motivos pelos quais excluímos os PNE e como cada um poderia incluí-los ao convívio social, respeitando suas singularidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS NA COMUNIDADE

O presente trabalho teve por objetivo relatar a experiência vivenciada por duas estagiárias de psicologia e um psicólogo, os quais realizaram uma oficina de dinâmica de grupo junto a pais, amigos e colaboradores de uma Instituição que atende PNE, em Mato Grosso. A proposta buscou sensibilizar, refletir e discutir o processo de exclusão vivenciado por muitos portadores de necessidades especiais. O trabalho desenvolvido resultou de uma parceria da Instituição com o curso de psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Rondonópolis.

Para isso, adotou-se como ferramenta a proposta das oficinas de dinâmicas de grupo em uma perspectiva psicossocial de Afonso (2010), levando em consideração as contribuições de Lewin (1988) sobre pesquisa-ação.

Procurou-se vivenciar as etapas da preparação da oficina conforme a sugestão da autora. Identificou-se que a demanda para a realização da oficina partiu da Instituição e sua motivação foram as comemorações da “semana do excepcional” em âmbito nacional.

A partir do convite feito pela Instituição, as estudantes se prepararam teoricamente, deixando-as mais seguras diante da atividade. Alguns contatos foram feitos entre elas e a coordenadora da Instituição para conhecer melhor o público-alvo, a estrutura do local, os materiais a serem disponibilizados, assim como o tempo para a realização do trabalho. A partir daí, optou-se por realizar um planejamento completo, passo a passo da atividade, pois já se sabia que os pesquisadores teriam apenas duas horas para desenvolvê-la. Por isso, era preciso trabalhar muito bem o foco da proposta, a “exclusão social” de PNE. Procurou-se fazer um levantamento bibliográfico sobre o assunto e discutir alguns textos pertinentes ao assunto. Demonstrar conhecimento foi fundamental para o bom desempenho das coordenadoras.

Além disso, buscou-se escolher duas dinâmicas que pudessem descontraír e integrar o grupo, mas também que atingissem os objetivos da proposta do evento sem deixá-los constrangidos. Nesse primeiro momento das atividades, Afonso (2010) denomina de *demanda*, pré-análise, foco e enquadre, e planejamento flexível.

O próximo passo consistiu em três momentos: aquecimento, reflexão e elaboração do tema, e sistematização. Ninguém sabia ao certo quantas pessoas iriam comparecer ao evento. Diante dessa informação, uma alternativa seria a criação de subgrupos para facilitar o trabalho. O número relativamente alto de participantes desafiou as habilidades das coordenadoras. A ideia dos subgrupos demonstrou ser bastante eficaz por ter funcionado bem e sem nenhuma intercorrência. Ademais, foi possível transformar um grupo grande em pequenos grupos, adequando-o à perspectiva metodológica deste trabalho. Durante a formação dos grupos, notamos que as pessoas se agrupavam por afinidades e conhecimento prévio. A dinâmica de “quebra-gelo” foi importante para aproximar as pessoas que não se conheciam e permitiu a construção de novos laços sociais.

A dinâmica de grupo intitulada “Exclusão” (Vitello,1997) ajudou os pais, amigos e colaboradores da Instituição a experimentarem o processo de “exclusão social”. Esse recurso lúdico foi importante para sensibilizar os grupos das dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos PNE. Mas, também, suscitou o quanto os nossos valores e crenças de exclusão são pautados pela noção de diferença. Isso ficou claro nos motivos utilizados pelos grupos para justificarem a exclusão de um de seus membros. Questões como profissão, origem, gênero e aspectos físicos, foram determinantes. Diante desse cenário, fica o desafio de reflexão sobre as implicações para a inserção de pessoas portadoras de necessidades especiais na comunidade, quando as convicções de parte da sociedade pede o afastamento dos PNE.

O grupo refletiu, debateu e apresentou algumas possíveis saídas para promover a inclusão social dos PNE, tomando como referência a experiência da oficina de dinâmica de grupo. Dentre elas foi sugerido que os familiares, amigos e colaboradores saíssem mais em público na companhia de PNE, sobretudo em situações cotidianas como ir ao banco, shopping, cinema, aos eventos da cidade, pegar ônibus e/ou na casa de vizinhos. Essas medidas, aparentemente simples, possibilitam que a sociedade passe a conviver mais com os PNE. Assim, busca-se tornar as diferenças uma característica peculiar do ser humano, quebrando a cultura da indiferença. Além das medidas destacadas, ressaltou-se também a importância de conhecer os acordos internacionais, nacionais, estaduais e municipais que orientam as políticas públicas em direção à inclusão do PNE no meio político, social e cultural.

As questões trazidas pelo grupo foram apontadas durante a sistematização da atividade. Coube ao psicólogo, no final da oficina, acolher as angústias dos participantes e refletir sobre a importância das diferenças. Esse momento foi ilustrado com a metáfora da orquestra sinfônica, destacando que todas as pessoas têm contribuições a dar para a sociedade. Mas, para isso, é preciso romper a cultura da indiferença, permitindo perceber essas diferenças.

Em suma, pode-se perceber que a proposta de oficina de dinâmica de grupo, em uma perspectiva psicossocial, conforme nos sugere Afonso (2010), pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento de atividades que visem trabalhar temas relacionados à educação especial,

desde que se faça o uso adequado do método. Isso implica trabalhar bem os dois grandes eixos para a realização da oficina de dinâmica de grupo: o momento que antecede (demanda, pré-análise, foco e enquadre, e planejamento flexível) e o desenvolvimento propriamente dito (o aquecimento, a reflexão e a elaboração do tema, a sistematização e avaliação do trabalho).

REFERÊNCIAS

- Afonso, M. L. (Org.). (2010). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*; São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. (2011). *Metodologias para o cuidado de crianças, adolescentes e famílias em situação de violências*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- Childs, R. (1985). Maternal psychological conflicts associated with the birth of a retarded child. *Maternal Child Nursing Journal*, 175 -182.
- Cruz, J. P. D. e Abade, F. L. (s.d). *Intervenção psicossocial com oficinas em dinâmica de grupo: reflexões sobre o fazer com grupos de crianças e de adolescentes*. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/256.%20interven%C7%C3%20psicossocial%20com%20oficinas%20em%20din%C2%20mica%20de%20grupo.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2013.
- Davies, B. e Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20 (1), 44-63.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275.
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lane, S.T. (1994). O processo grupal. In: Lane, S. T. e Godo, W. (Orgs.) *Psicologia social: O homem em movimento* (pp. 78-98). São Paulo: Brasiliense.
- Lewin, K. (1988). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Moreira Jr., C. S. e Japur, M. (2003). Grupo de sala de espera: sentidos do envelhecimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 13 (25), 85-96.

- Pérez, E. R. (1997). *Grupos e Intervenções Grupais: Concepções, Relações e Implicações na Perspectiva de Profissionais que Trabalham com Grupos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC-SP.
- Rasera, E. e Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 201-209.
- Rasera, E. e Japur, M. (2006). Sobre a preparação e a composição em terapia de grupo: descrições construcionistas sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (1), 131-141.
- Regen, M. (2005). A instituição família e sua relação com a deficiência. *Revista do Centro de Educação*, (27), 01 – 08.
- Spink, M. J. (Org.) (1999). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. (2000). A ética na pesquisa social: Da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. *Psico*, 31, (1), 7 - 22.
- Vitiello, N. (1997). *Manual de Dinâmica de Grupo*. São Paulo: Inglu.